

A autoria do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian

O Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian foi inaugurado em 1971, tendo como co-autores do projecto de arquitectura José Carlos Loureiro, Luís Pádua Ramos e Maria Noémia Coutinho. No programa *Visita Guiada*, exibido no passado dia 15 de Abril de 2024 na RTP2, foram produzidas afirmações sobre a autoria daquele edifício que não têm qualquer rigor histórico ou justificação factual. Declarar-se, por exemplo, que “actualmente há uma renovada atenção historiográfica a este projecto e finalmente estamos em condições de dizer, sobre a autoria, este projecto é da Maria Noémia Coutinho” ou que “ela ter desenvolvido este projecto, ter trabalhado nele intensamente três anos, com esta qualidade, e nunca ter podido assumir a sua autoria publicamente”, decorre da tentativa forçada de fabricar uma narrativa de acordo com as actuais agendas, mas não só não corresponde à realidade, como ilude os espectadores.

Confrontados com o conteúdo do programa, nem a Fundação Marques da Silva, entidade dedicada à preservação e divulgação de acervos de arquitectura, nem o atelier de arquitectura legado por José Carlos Loureiro, ainda em actividade, poderiam ficar indiferentes. Importa, por isso, repor a verdade, baseada na documentação existente nos arquivos, quer da Fundação Marques da Silva, a quem José Carlos Loureiro doou o seu acervo; quer da Fundação Calouste Gulbenkian, que para todos os efeitos desempenhou o papel de cliente e dono de obra; quer da Faculdade de Arquitectura, onde se encontra o original do Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) de Maria Noémia Coutinho; quer do próprio atelier. Consultados os documentos, constata-se que os desenhos entregues à Fundação Calouste Gulbenkian referentes ao projecto de arquitectura do Conservatório de Música de Aveiro têm inscrito no rótulo os nomes dos três arquitectos autores – José Carlos Loureiro, Luís Pádua Ramos e Maria Noémia Coutinho. No CODA não constam nomes no rótulo. Por razões legais, na documentação do atelier a assinatura de quem verifica os desenhos é a de José Carlos Loureiro e no CODA a assinatura, aposta em todas as 149 páginas do documento, 39 das quais desenhadas, é a de Maria Noémia Coutinho. As memórias descritivas do projecto (Junho de 1965, Novembro de 1965, Fevereiro de 1967), também pelos motivos que se apresentam abaixo, foram escritas e assinadas por José Carlos Loureiro. Sempre que o projecto do edifício foi publicado, em livros ou revistas, por iniciativa do próprio atelier, o nome dos três autores é referido. Nunca houve, assim, qualquer omissão pública do nome de Maria Noémia Coutinho, nem qualquer tentativa de apagamento do seu papel no desenvolvimento do projecto, muito antes pelo contrário. Joaquim Moreno, que é entrevistado no programa *Visita Guiada* na qualidade de especialista, não só intentou resgatar uma autoria que nunca foi silenciada, como acabou por cometer a injustiça que pretendia denunciar, isto é, apagar da história dois dos autores do projecto de arquitectura.

No final de 1963, quando o projecto foi encomendado ao atelier de José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos, Maria Noémia Coutinho não era ainda uma arquitecta diplomada: era colaboradora daquele atelier de arquitectura, mais tarde designado GALP. Essa colaboração prosseguiu durante toda a sua vida profissional, até se reformar, e não há notícia de que alguma vez se tenha sentido vítima de silenciamento. Nos dias de hoje é raro um arquitecto atribuir a co-autoria de um projecto a um colaborador do seu atelier; em 1965, fazê-lo era uma situação quase inédita. José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos fizeram, contudo, questão de reconhecer o trabalho de Maria Noémia Coutinho no desenvolvimento do projecto de arquitectura do Conservatório de Música de Aveiro – um gesto que não pode senão ser interpretado como sinal da sua generosidade e abertura de espírito. Essa generosidade ficou também patente na possibilidade conferida a uma candidata ao CODA de utilizar um trabalho encomendado ao atelier onde então colaborava como tema do trabalho

académico que marcava o fim do percurso escolar e o início da vida profissional. Só depois da data de defesa do CODA, em Maio de 1966, Maria Noémia Coutinho, que foi orientada nesse trabalho por José Carlos Loureiro, passou a ter a habilitação legal para assinar projectos de arquitectura. A documentação produzida para o CODA, que corresponde a uma parte da terceira fase do projecto entregue à Fundação Calouste Gulbenkian em Maio de 1966 (a primeira foi entregue em Junho de 1965 e a segunda em Novembro de 1965), será prova de que Maria Noémia Coutinho foi uma das autoras do projecto, mas não poderá nunca levar à enviesada conclusão de que foi a única autora do projecto. Quem alguma vez trabalhou num atelier de arquitectura sabe que a autoria de um projecto não é atribuível pela quantidade de documentação produzida, particularmente num contexto onde muita dessa documentação era executada por desenhadores. Não se encontrando vivos os autores do projecto de arquitectura do Conservatório de Música de Aveiro, não é possível, pela voz dos próprios, saber quem fez o quê. Sabemos, sim, que é reconhecidamente um projecto em co-autoria, que alguns dos autores receberam a encomenda, que outros assumiram os contactos com o cliente, que outros o desenvolveram, que outros o desenharam, que outros o detalharam, e que outros terão acompanhado a obra. Mas não saberemos nunca em que extensão cada um deles contribuiu para a realidade do edifício construído.

Finalmente, a história da arquitectura de um edifício faz-se também por comparação e análise com outras obras, dos mesmos ou de outros autores, detectando formas, espaços, linguagens e materialidades comuns. Os edifícios não são ilhas isoladas de que se possam extrair o contexto, as circunstâncias da sua produção, o tempo em que foram construídos. Veja-se a semelhança entre obras anteriores ou contemporâneas do atelier e alguns dos espaços do Conservatório de Música de Aveiro. Na Escola da Glória, também em Aveiro, projectada por José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos a partir de 1961, e localizada a 200 metros de distância do Conservatório, são notórias as semelhanças na articulação entre volumes e coberturas inclinadas a diferentes cotas; nas entradas de luz em clerestório; no remate dos topos dos volumes principais; no desenho e proporção das salas de aula; na articulação entre o volume da cantina e o restante edifício; na métrica dos alçados nos volumes de dois pisos; na lógica estrutural visível no interior dos espaços, através da presença das vigas em betão aparente; no uso dos mesmos materiais e sistemas construtivos; na pormenorização da caixilharia de madeira, nomeadamente no uso de janelas de guilhotina. O subtil desfasamento, visível em planta, dos seis ateliers do Conservatório de Aveiro, encontra-se também nas Oito Moradias para os Bombeiros Voluntários de Matosinhos (1953), nos volumes da Rua de Oliveira Monteiro do Edifício Parnaso (1954), ou nos volumes do bloco D do Conjunto Habitacional Luso-Lima (iniciado em 1959). No Mercado de Barcelos (1966), o espaço central é decalcado em proporção e materiais do claustro do Conservatório de Aveiro. Nos ateliers de pintura e escultura do Conservatório replica-se o perfil e a espacialidade do atelier de pintura da Casa Júlio Resende (1962). Deste projecto, mas também da Pousada de Bragança (1954), retoma-se no Conservatório o tema dos ripados de madeira em tectos, guardas e topos de laje, mas também o da lareira como elemento central, com um ligeiro desnível em relação ao espaço que a envolve. Tal como acontece nos edifícios de Aveiro e de Bragança, cujas lareiras são ornamentadas com cerâmicas do pintor Júlio Resende, amigo próximo de José Carlos Loureiro, são múltiplas as intervenções daquele artista plástico nas obras do atelier, anteriores, contemporâneas ou posteriores ao Conservatório, de que são exemplo o Edifício Parnaso (1954), a Estação Fronteiriça de Valença (1956) ou Banco Nacional Ultramarino de Braga (1971).

Fica, assim, por demais evidente, quer pelo estudo da documentação, quer pela constatação do uso de uma mesma linguagem e da coerência entre princípios de desenho, métodos construtivos e materiais utilizados em vários projectos, que a qualidade arquitectónica do Conservatório de Música de Aveiro surge na sequência de obras anteriores

e contemporâneas dos mesmos autores, não se configurando como um caso isolado e inédito, tal como se quis erroneamente fazer crer. Será expectável que, perante o exposto, seja reposta publicamente a verdade. E será necessário, em particular, que Joaquim Moreno explique a quem se refere quando menciona a nova “atenção historiográfica” dada a este projeto, e que evidências encontrou para fundamentar a sua afirmação categórica de que o Conservatório de Música de Aveiro é da autoria exclusiva de Maria Noémia Coutinho. Afirmações sensacionalistas como esta podem garantir a atenção do público, mas lesam a verdade e mancham a imagem de José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos que, contrariando as práticas da época, em vez de “silenciarem” a voz da sua Colaboradora, a incluíram na lista de autores do projecto.

Pela Fundação Marques da Silva

Fátima Vieira
Vice-Reitora para a Cultura da Universidade do Porto
Presidente da Fundação Marques da Silva

Luís Martinho Urbano
Arquitecto
Coordenador dos Centros de Documentação da FAUP e da Fundação Marques da Silva

Paula Abrunhosa
Historiadora
Assessora de comunicação da Fundação Marques da Silva

Pelo Atelier GALP

José Manuel Loureiro
Arquitecto

Luís Pinheiro Loureiro
Arquitecto